

Relatório final do curso “Introdução à Antropologia Bíblica” pela Prfa. Dra. Lidice Meyer

Pedro Frederico Rebelo Alves Sainhas FLUC

Na minha resposta pretendo expor as aprendizagens gerais abordadas no âmbito do curso “Introdução à Antropologia Bíblica”, lecionado pela Profa. Dra. Lidice Meyer, destacando os conteúdos mais importantes das quatro aulas e da interdisciplinidade da disciplina em causa.

Primeiramente, na aula 1 foram introduzidos conceitos importantes, a antropologia pode ser entendida como o estudo dos seres humanos e cultura humana, apesar de como ciência só se ter estabelecido no século XIX, desde o século V a.c. que “historiadores” gregos como Heródoto procuravam descrever (em obras suas) hábitos e costumes de outros povos (os “bárbaros”), atitude bastante incentivada no período da expansão marítima moderna. No século XVIII, começou-se a ter a “audácia” de se aplicar ao estudo do homem métodos usados até então apenas na biologia e física, atitude sempre motivada pelo interesse pelo “outro” o “diferente”, ou seja, da curiosidade dos povos europeus pelas culturas e povos de outros continentes, atitude mantida até ao século XIX. Foi apenas no século XX que a antropologia, já como ciência autónoma, procurou o estudo do homem “por inteiro”, em todas as sociedades, locais e épocas. A antropologia apresenta diferentes ramos complementares, como o social, cultural, biológico, etnológico, forense, linguística, arqueológica (entre outros). Sendo mesmo impossível o estudo de sistemas religiosos e simbólicos sem ter em conta as diversas instituições simbólicas, culturais, políticas, sociais da cultura onde essa tradição religiosa se insere (Ribeiro, 2024).

Mas e então a “antropologia bíblica”? Na mesma aula, a Dra. Lidice Meyer problematizou a questão de que se podemos considerar a antropologia bíblica o “estudo do homem na Bíblia” ou o “estudo da Bíblia pelo viés do humano” (Ribeiro, 2024). Se considerarmos a primeira opção, a antropologia bíblica seria reduzida à teologia, mais especificamente, da soteriologia, que é um ramo da teologia que se debruça sobre a problemática da salvação humana (Ribeiro, 2024). Na verdade, a antropologia bíblica não é teologia, mas sim o “estudo da Bíblia pelo olhar da Antropologia Cultural”, ou seja, é uma abordagem multidisciplinar, que integra aspetos da antropologia cultural, linguística, arqueologia, antropologia biológica, visando o estudo e compreensão dos textos bíblicos com o auxílio destas ciências, abstraída de considerações ou “lentes” teológicas” (Ribeiro, 2024). No entanto, não se deve entender que a Antropologia Bíblica “rejeita” a Teologia, mas que são domínios diferentes, que se podem (como será referido) complementar. Com base no que foi dito, deve ter-se em conta que uma leitura antropológica da Bíblia nunca deve esquecer que a “Bíblia é um livro vivo.”, “não só possui como criou história”, e um texto sagrado que inspira a vida de milhares de crentes (Ribeiro, 2024).

Como pode ser então possível uma leitura antropológica da Bíblia? Adotando as metodologias interdisciplinares de análise antropológica, ou seja, o estudioso tem de quebrar “barreiras culturais, ideológicas, sociais”, ao ter um profundo conhecimento dos traços culturais, linguísticos, sociais, políticos da época e autor/es em que o texto em causa foi escrito (Ribeiro, 2024). Tal ideia foi clarificada pela análise do texto de Atos 8.26-39, em que o apóstolo Filipe teve de explicar questões da sua cultura ao etíope, para que este compreendesse o evangelho, ensinando-nos que precisamos de “quebrar” barreiras socioculturais para entender o texto bíblico, tendo sempre presente que autor e leitor são de “mundos diferentes” (Ribeiro, 2024).

Portanto, para o estudo antropológico do texto bíblico têm de se atender a fatores como a ideia que está subjacente à mensagem do mesmo, as fontes (orais e escritas), o material simbólico disponível na sua cultura e língua e o efeito que se pretendia produzir no leitor (Ribeiro, 2024).

Seguidamente, esclarecidos os conceitos preliminares destacarei os temas mais importantes das aulas 2 e 3 sobre a Antropologia Bíblica do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Começando pelo Antigo Testamento, a Antropologia Bíblica pretende a compreensão dos textos de forma mais próxima à sua intenção original, questionar preconceitos teológicos e situar Israel no seu contexto histórico apropriado. Ao nível da história do estudo antropológico do Antigo Testamento, teve como pioneiros (apesar do trabalho desenvolvido até por autores modernos) William Robertson-Smith (1846-1894), que destacou a importância da pesquisa etnográfica para o estudo da religião e cultura, James George Frazer (1854-1941) e as suas pesquisas da “magia” (entendida, antropológicamente, como o uso de elementos naturais para influenciar o mundo natural) na Bíblia e outros. Já no século XX, o “nascimento” da Antropologia Bíblica Moderna consagrou-se com autores como Raphael Patai (1910-1996) ou Edmund Leach (1910-1989), que foi o primeiro antropólogo a aplicar a antropologia estrutural na análise da Bíblia e Mary Douglas (1921-2007) (Ribeiro, 2024).

Entrando na Antropologia Bíblica do Novo Testamento, a Dra. Lidice Meyer clarificou vários aspetos relevantes do cenário histórico, social, cultural subjacente à Palestina do tempo de Jesus, composta por uma população maioritariamente camponesa, pobre, desnutrida, jovem, doente (características evidenciadas pelos vestígios arqueológicos que nos chegaram) (Ribeiro, 2024). Dados indispensáveis para a compreensão da ética de Jesus, em que o facto do mesmo pregar para um povo de tais condições, porque para membros de grupos sociais mais abastados seria tão difícil seguir essa mensagem (Ribeiro, 2024). Outro aspeto importante debatido foi o da condição da mulher, afinal, com a maior interação entre as culturas greco-romana e semítica, o seu lugar na sociedade era “ambíguo” e em que as fronteiras entre os espaços “público” e “privado” nem sempre eram claras, de um lado com correntes judaicas (ou mesmo o direito romano) mais conservadoras, e por outro, com o helenismo estas ganhariam mais liberdades. A sociedade da Judeia deste tempo era também marcada por uma elevada estratificação social, economia subdesenvolvida, o elevado valor do “grupo” e da família e das antinomias entre a cidade e o campo. Sobre o valor do grupo também se destacou a relevância de se atender a aspetos como o parentesco e descendência, casamento e genealogia e a dicotomia do “sagrado e profano” (Ribeiro, 2024).

Estas considerações realçam a complementaridade entre a Sociologia (que “desenha” o “cenário” da leitura) e a Antropologia (fornece os objetos de estudo, inseridos na cena), que permitem evitar leituras etnocêntricas, anacrónicas e fundamentalistas do texto bíblico (Ribeiro, 2024).

A leitura antropológica dos textos bíblicos (tanto do Velho Testamento como do Novo Testamento) deve ser segundo uma perspetiva intercultural e ler o texto sempre “sob suspeita” de forma a identificar os valores subjacentes ao mesmo, que refletem os valores dessa cultura. (Ribeiro, 2024). O problema do estudo antropológico dos textos do Novo Testamento é que estes foram escritos por autores de “sociedades de baixa contextualização”, o que implica que os textos compartilhem poucos esclarecimentos sobre os valores e traços culturais das sociedades dos seus autores. Como pioneiros do estudo antropológico do Novo Testamento destacaram-se autores (entre outros) como Bruce John Malina (1933-2017), Jerome Neyrey (1940-), John H. Elliot (1930-2022) (Ribeiro, 2024).

Em terceiro lugar, na aula 4 trataram-se de casos práticos de análise antropológica do texto bíblico com base na metodologia da escola estruturalista (uma corrente teórica que incide na análise dos símbolos e estruturas simbólicas, sendo a estrutura uma ordem de elementos que apenas fazem sentidos quando analisados no seu conjunto) (Ribeiro, 2024) e sistematizaram-se

os contributos da Antropologia para o estudo da Bíblia, sobretudo: que a Bíblia não deve ser lida como um livro histórico-cronológico, tem características de uma história mítica e as técnicas utilizadas para o estudo dos mitos podem ser aplicadas ao estudo da Bíblia (Ribeiro, 2024). Lembrando que o “mito” não é entendido (na Antropologia) como uma “mentira”, mas (e recorrendo à definição de E. Leach) uma “história sagrada sobre acontecimentos do passado que justifica ações no presente”, portanto, a compreensão antropológica do texto bíblico é um complemento e reforço para os que têm fé (não servindo de oposição à mesma) ou de interesse mesmo para os que não creem (Ribeiro, 2024). A Bíblia possui assim um conjunto de características semelhantes às narrativas míticas, como: repetições/redundâncias (mensagens semelhantes transmitidas em histórias diferentes mas parecidas), oposições binárias/inversões (vida/morte, mundo terrestre/celestial, homem/Deus), anomalias/ambiguidades (mãe/virgem, Deus/homem, animais puros/impuros) (Ribeiro, 2024).

Para a análise prática dos textos, abordaram-se conceitos importantes da metodologia estruturalista, como o de “corrente sintagmática”, quando se encadeiam elementos que geram um significado (o estudo isolado do texto) e a “série paradigmática”, quando há um conjunto de elementos associados semelhantes entre si, memorizados que resultam em conjuntos relacionados de significado (Ribeiro, 2024). Como exemplo (entre muitos) dos casos práticos analisados, atente-se ao caso de Génesis 2.4-25, em que associamos os símbolos de “Adão”, “Eva”, “Céu”, “Árvore da Vida” à “vida” e “fertilidade” e os símbolos de “Terra”, “Pó da terra”, “Costela”, “Árvore do Conhecimento” à “morte” e “infertilidade”, o que exemplifica bem um caso de oposição binária/inversão (Ribeiro, 2024). Outro caso bastante interessante, realçado aquando a aula sobre o Antigo Testamento, foi a ideia de Mary Douglas de anomalia e desordem no sistema da criação, que justificam as proibições alimentares no Levítico e Deuterónimo, por exemplo, que os peixes devem naturalmente ter barbatanas, o que implica que os que fogem a esta norma (como os moluscos) não sejam consumidos (Ribeiro, 2024).

Concluo afirmando a importância de todas as aprendizagens do curso para o estudo antropológico do texto bíblico, introduzindo-me importantes técnicas de interpretação e estudo da Bíblia, contribuindo para a compreensão histórica do mesmo e evitando erros anacrónicos ou fundamentalistas do mesmo.

Bibliografia (segundo as normas APA 7ª Edição)

Ribeiro, L. (2024, março, 9). *Antropologia Bíblica: definições e conceitos*. Aula proferida no curso on-line “Introdução à Antropologia Bíblica” pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Ribeiro, L. (2024, março, 16). *Antropologia Bíblica do Antigo Testamento*. Aula proferida no curso on-line “Introdução à Antropologia Bíblica” pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Ribeiro, L. (2024, março, 23). *Antropologia Bíblica do Novo Testamento*. Aula proferida no curso on-line “Introdução à Antropologia Bíblica” pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Ribeiro, L. (2024, março, 30). *Análise Antropológica do Texto Bíblico*. Aula proferida no curso on-line “Introdução à Antropologia Bíblica” pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.